

16 NOV 1980

maioria no Senado

Com a defecção dos senadores Luís Fernando Freire (Maranhão) e Saldanha Derzi e José Fragelli (Mato Grosso do Sul) e a morte do senador Jessé Freire (Rio Grande do Norte), cujo suplente, Martins Filho, é ligado ao PP, a maioria do governo no Senado, outrora folgada e confiável, reduz-se a 36 cadeiras.

O Senado compõe-se atualmente de 67 membros, porque o Estado do Rio, devido à fusão, ficou com quatro senadores até 1982 (e não três como todos os outros). A maioria absoluta, portanto, é de 34.

A oposição já cresceu para 30 senadores — 19 do PMDB e 11 do PP. Há, ainda, um independente, o senador Dirceu Cardoso, do Espírito Santo, que o PDS tenta infrutiferamente atrair para sua bancada. No momento não parece haver possibilidade de o PDS tirar um senador sequer de outro partido: a última hipótese foi o senador Alberto Silva, do PP e candidato a governador do Piauí (sua candidatura será lançada publicamente no dia 29, em Te-

resina, pelo PP, na presença do presidente nacional do partido, senador Tancredô Neves, do presidente de honra, deputado Magalhães Pinto, e de todo o estado-maior do partido; o que exclui a mudança para o PDS).

Dos 36 que lhe restam, o PDS não pode contar com pelo menos três: Arnon de Mello, ainda convalescente; Luís Cavalcanti, que se converteu numa espécie de dissidente permanente; e Vicente Vuolo, que ameaça ir para o PMDB porque a candidatura do embaixador Roberto Campos ao Senado por Mato Grosso deixa-o sem vaga para disputar a reeleição.

O governo, que não parecia preocupado com esse quadro, começa a mudar de atitude. Sintoma disso é o fato de que o senador Arnon de Mello tem sido instado a escolher: ou licença ou presença. Ou seja, se não estiver em condições de comparecer assiduamente, que renove a licença recém-esgotada, para que seu suplente garanta esse voto agora indispensável.